

CARTA A UM SENADOR

Prezado amigo Domingos Velasco
Senado Federal

Ao começar a escrever esta carta pensei, naturalmente, no tratamento que devo dar ao destinatário, e não tenho jeito de lhe dar outro senão "você". E como você é senador, isto me dá um sentimento de importância, logo corrigido pela memória de um fato recente.

Foi o caso que precisei falar ao Chico Negrão de Lima, e fui ao Ministério da Justiça. Não sou muito freqüente de ministérios; talvez porque, como repórter, já tenha mofado muitas vezes nas ante-salas do referido, o que é mortificante. Pois logo no elevador dei de cara com o Penido, que me mandou entrar diretamente para uma sala em que estava o Ministro, em conversa com um senhor. Logo que me viu, o Ministro se afastou por um instante da pessoa com quem falava, para vir me dar um aperto de mão e pedir que o esperasse um instante, porque estava acabando de conversar uma coisa com o general — era general, o homem, e chefe de Polícia. E um minuto depois vinha o Chiquinho falar comigo — sim, o Chiquinho, pois é assim que o chamo.

Ao sair, encontrei, nas ante-salas, várias pessoas que esperavam a sua vez de serem recebidas, e isso foi o que me fez sentir importante. Desci — e poucos minutos depois, na rua Mérico, dou de cara com outro Ministro, o do Trabalho; troco com ele um aperto de mão chamando-o também de "você" e perguntando com naturalidade: "mas então, Segadas, o que há de novo?"

Dois ministros em cinco minutos, e ambos "você". Senti-me quase um prócer da República, e, andando pela rua, não pude deixar de me lembrar do tempo em que "Ministro" para mim era uma palavra cheia de um solene prestígio, designando uma pessoa quase inatingível, super-humana, da qual eu só ousaria me aproximar trêmulo, e com um "vossa excelência" na boca. Foi de súbito que me ocorreu que não, eu estava ficando importante — eu estou, simplesmente, e ficando velho. E' apenas por contagem de tempo, e nada mais, que posso tratar com familiaridade pessoas altamente colocadas; e não há mérito nenhum em ter cabelos brancos.

Veja, meu caro senador, que o introito desta carta ficou enorme; sempre serei um desses escritores vagabundos que no lugar de dar logo o seu recado, e dizer a que vem, começa a lembrar isto e mais aquilo e, quando vê, já está na hora de se retirar, e não disse nada; isto deve ter um nome, talvez a vocação do vazio, ou do léro-léro.

A carta era para lhe dizer que li com o maior carinho a reportagem-entrevista feita pelo Joel, com você, neste número de COMÍCIO — e acho que a idéia que orienta a sua vida me parece um grande equívoco. Que estou convencido, pelo que tenho visto e ouvido, que Deus, meu caro Velasco, Deus é da Direita. Já não falo da Igreja, que é apenas um aparelho pelo qual as pessoas se entendem com Deus; já do Próprio. Não convém espalhar isto, pois é um segredo muito desagradável; mas, segundo minhas observações, Ele está mesmo é com os ricos e poderosos, na vida civil; e na guerra, como diziam os hereges de Vieira, Ele se põe sempre ao lado "dos mais mosqueteiros".

Há, é verdade, a outra vida; mas você acredita mesmo Velasco, que o Getúlio e o Jaffet (por exemplo) já não tenham boas acomodações reservadas no Céu, com anjinhos em volta para servi-los e louvá-los, e carro de chapa branca, e muita sombra e água fresca e charutos cubanos? Tem, Velasco, eu garanto a você; já está tudo arrumado direitinho; você não conhece esse pessoal. Continue dizendo aos pobres que Deus pensa nêles, e dará a cada servente de pedreiro um cartório na eternidade; isto talvez os console, mas estou certo de que esses pé-rapados vão todos mesmo para o Inferno, amontoado em trem de subúrbio, e ainda pagando passagem.

Sim, não convém espalhar isto; mas olhe lá que é verdade — e mais do que isto, é a Verdade. E' por este motivo que lhe digo que, quanto a mim, eu fico na esquerda, mas sem Deus; e daqui vou para o Inferno, mas sem surpresa. E lá, amigo velho, nós conversaremos melhor essas coisas. Você vai ver!

Abraço do

RUBEM BRAGA

NA ESQUERDA, COM DEUS

(Conclusão da página 5)

se por lá alguns dias, mas logo vem o aviso dos amigos, que já não podem fazer nada, que ele deve sair da cidade. Em outubro de 37, Velasco está na capital paulista — mas não ousa aparecer na rua, o que faz uma semana depois, no dia 8, dia do seu aniversário.

Numa esquina do centro da cidade esbarra com Rubem Braga, que está cheio de notícias alarmantes: Pedro Ernesto fôra novamente preso, ali mesmo em São Paulo, e Chermont estava sendo caçado no Rio.

Velasco esconde-se novamente e encarrega Rubem Braga de procurar alguém em São Paulo que pudesse ajudá-lo naquela emergência. O amigo de Rubem Braga é deputado estadual e se chama Ademar de Barros.

A noite, Rubem aparece com Ademar, que diz ter notícias novas em folha, pois está em ligação diária com elementos da Região Militar. Como Ademar de Barros é médico, fica combinado que as comunicações entre os dois serão feitas em linguagem de consultório. Pela manhã, para saber das novidades, Velasco telefonava a Ademar dizendo que "o remédio" havia acabado; e Ademar, se não havia nada de novo, respondia que o cliente podia continuar seguindo a mesma receita... O último contato, na época, entre Velasco e Ademar, foi no dia 8 de novembro. "O remédio acabou? Pois compre outro frasco. Tudo continua na mesma". Mas não continuou. Dois dias depois Getúlio liquidava o regime e se sentava no trono do Estado Novo. E já em janeiro de 1938, Domingos Velasco é novamente vendedor de terrenos — isto é, "corretor de imóveis".

DEPUTADO, SENADOR

O túnel do Estado Novo, Velasco o atravessou todo assim — vendendo terrenos, como agregado, mais uma vez, à firma do seu irmão, ou organizando companhias e incorporações. Aparece no outro lado do túnel, em 1945, como um dos 36 políticos e intelectuais que assinaram o Manifesto de criação da "Esquerda Democrática" — que, mais tarde, se transformaria no Partido Socialista Brasileiro. Vai a Goiás, para uma fulminante campanha eleitoral de dois meses, é eleito mais uma vez deputado federal, como representante da "Esquerda" na chapa da UDN. E cinco anos depois, candidato do Partido Socialista, com o apoio de um pouco de cada partido local e numa campanha tiroteada e exaustiva que ele considera a mais dura de sua vida política, é eleito senador.

Hoje, no Senado, ele se senta exatamente na cadeira que Felinto Muller ocupava na legislatura passada. E são essas reviravoltas do tempo que fazem com que Velasco julgue hoje homens e coisas com a cabeça fria, livre de qualquer paixão: "O inimigo de ontem pode ser o amigo de hoje; e vice-versa", diz ele. E lembra que o próprio Felinto Muller é quem tomou a sua defesa, no Senado, quando lá o acusaram de comunista.

BEVAN E PIO XII

Domingos Velasco acaba de realizar aquele que foi sempre

o grande sonho de sua vida: uma viagem à Europa. Projetou-a várias vezes, mas ela nunca foi possível — ou por injunções da política, ou por falta de dinheiro. Eleito senador por oito anos, as preocupações políticas amainaram, o que lhe permitia, talvez, uma andança demorada pelo mundo. Mas a última campanha eleitoral lhe consumira todas as economias, e ainda lhe deixara algumas dívidas, pelo que a viagem teria que ser mais uma vez adiada. Não o foi, porém, porque o irmão Benedito acudiu, com os seus recursos, e embarcou Velasco e D. Belinha num avião que os deixou em Paris. Durante quatro meses, Velasco visitou a França, a Itália, Inglaterra, esteve em Berlim, conversou com importantes líderes socialistas e católicos, e voltou cheio de admiração por dois homens: o socialista Aneurin Bevan e o Papa Pio XII. Acha ele que Bevan é o maior estadista da Europa de hoje, e que a Inglaterra muito teria a lucrar se o colocasse no lugar do obsoleto Churchill. Para Velasco, estaria na fórmula de Bevan — aquela que diz que assim como os extra-ricos não devem explorar os extra-pobres, assim também as nações super-industrializadas não devem explorar as nações pobres — a solução melhor para o impasse internacional. Como Bevan, ele acredita também que a melhor maneira de combater o comunismo é melhorar o nível de vida dos povos miseráveis, amparando e orientando o irrefreável surto nacionalista que agora desperta, violento nas populações cansadas de serem exploradas. "O mais importante fenômeno político da hora presente é o movimento nacionalista dos povos asiáticos", diz ele. Mas — e ainda aqui, segue a linha de Bevan — acredita que um desarmamento do Ocidente, como preconizam os comunistas, redundaria numa automática agressão russa.

Quando esteve com o Papa, em audiência especial, Velasco queixou-se a S. S. de que a sua luta, no Brasil, a favor da classe operária era muito mal compreendida, incompreensão que já lhe dera muito sofrimento e amargura. Pio XII respondeu, num sorriso, que "quem está na vanguarda é que recebe os primeiros golpes". E como Velasco, depois de historiar as suas atividades políticas a favor do proletariado, perguntasse a Sua Santidade se aprovava a sua ação, Pio XII respondeu: "Eu abençoo de todo o coração os que se batem pelas justas reivindicações dos operários".

Outra coisa que impressionou Velasco, na Europa: a falta de tática dos norte-americanos. Foi com engulhos que ele viu, por exemplo, um gigantesco anúncio da "Coca-Cola" bem defronte à casa de Beethoven, em Bonn; ou aquele arranha-céu que os ianques espetaram bem defronte à histórica torre de Eschenheimer, na mais senhorial praça de Frankfurt.

A IGREJA E O SOCIALISMO

Velasco divide agora o seu tempo entre o Senado e a redação de "O Popular". O Senado não lhe dá muito trabalho, mas o jornal lhe toma pelo menos oito horas do dia. Além do mais, Velasco transformou a redação numa espécie de sede provisória de um novo movimento operário visando a sindicalização em massa e a con-

quista de eleições realmente livres e honestas nos sindicatos. A partir das cinco da tarde, que é quando ele chega à redação, as poucas salas de "O Popular", na Av. Presidente Vargas, se enchem de operários das mais variadas profissões, e muitas vezes Velasco fica a discutir com eles até altas horas da noite.

Se alguém perguntar a Domingos Velasco a razão do pouco sucesso eleitoral do Partido Socialista Brasileiro, ele responderá, com uma ponta de amargura na voz, que "o Partido ainda não deixou de ser um núcleo de pequenos caudilhos", confissão que só faz aos íntimos ou aos próprios colegas socialistas. A sua opinião é que ou o Partido se aproxima e se identifica com a massa proletária, através de contatos de toda ordem, ou desaparecerá, porque terá perdido a sua razão de ser. Acredita mais que a hora presente — de decepções e desencantos — oferece grande oportunidade ao Partido Socialista Brasileiro, já que o próprio governo, meio atônito, está buscando e encontrando no programa socialista muitas das soluções com que pretende resolver injustiças sociais e questões de ordem administrativa. O próprio Getúlio já mandou chamar Velasco ao Catete três vezes, para conversar sobre problemas operários e questões sindicais. Tais encontros deram origem a uma série de boatos — e chegou-se a espalhar que Domingos Velasco estava na bica para ser ministro do Trabalho. Mas se trata, ao que parece, de mais uma alucinação a seu respeito.

OS SANTOS E O AMIGO

Alto e magro, de rosto bronzeado, voz carregada e fala franca, Domingos Velasco é homem sereno, determinado e coerente. Católico militante, mas não beato, conhece a fundo a doutrina cristã. Seus santos preferidos, e também seus mestres, são Santo Agostinho, São Tomaz de Aquino e São Francisco de Assis. De uma sentença de Santo Agostinho ele fez sua norma de ação, como católico: "Nas coisas certas, unidade de pensamento. Nas coisas discutíveis, inteira liberdade. E em tudo, a caridade".

Está certo de que o cristianismo é a religião que mais se aproxima do socialismo, no qual a Igreja Católica condena apenas o materialismo. "Toda a tradição da Igreja prova que ela sempre esteve ao lado dos humildes".

Católico sincero e militante, Velasco tem o seu melhor amigo na pessoa de um materialista e anticlerical: João Mangabeira. E essa amizade tem sido possível porque, nos últimos trinta anos, um sentimento comum tem unido os dois: o amor à liberdade.

FIM